



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO — TRADUÇÃO PORTUGUÊS E JAPONÊS

**A tradução da linguagem de gênero
no mangá *Hôrô Musuko***

Tiago Martin Chaves

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

**A tradução da linguagem de gênero
no mangá *Hôrô Musuko***

Tiago Martin Chaves

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Letras — Tradutor
Português e Japonês.

Orientador: Andrei dos Santos Cunha

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Chaves, Tiago Martin

A tradução da linguagem de gênero no mangá Hôrô Musuko / Tiago Martin Chaves. -- 2019.

60 f.

Orientador: Andrei dos Santos Cunha.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Japonês, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Gênero. 2. Linguagem de Gênero. 3. Hôrô Musuko.
4. Mangá. 5. Tradução. I. Cunha, Andrei dos Santos,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Andrei, pela excelente orientação.

Ao Ariel, por ter revisado a tradução.

À Laura, por ter aceitado compor a banca.

Ao Maximiliano, pela revisão.

Ao André, por ter ouvido todos os meus desabafos.

A todos os meus amigos.

O padrão do mundo é compulsório e os corpos estranhos são eliminados sem alarde.

*Sayaka Murata (Trad. Rita Kohl)
(2018)*

RESUMO

Neste trabalho, proponho uma análise da minha tradução da linguagem de gênero no mangá *Hôrô Musuko*, que conta a história de duas crianças trans. Como a linguagem de gênero é muito marcante no japonês e importante para o mangá em questão, analiso de que maneiras é possível tentar transmitir essa linguagem para o português. Primeiro, faço uma introdução sobre linguagem de gênero, em que argumento sobre o quanto, na realidade, ela foi construída e imposta na sociedade japonesa. Depois, falo sobre algumas teorias em relação a identidade de gênero e sobre como a linguagem de gênero se dá no mangá. Nesse ponto, argumento sobre o quanto o uso da linguagem pode ajudar na construção da identidade de gênero. Em seguida, passo para a análise da tradução, em que mostro como a linguagem ajuda a construir a identidade no mangá e as dificuldades e soluções de tradução. Por fim, comento sobre o potencial subversivo da linguagem e o quanto é possível usá-la a seu favor para construir uma identidade específica.

Palavras-chave: Gênero. Linguagem de Gênero. *Hôrô Musuko*. Mangá. Tradução.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Orientação de leitura de mangás	20
Figura 2 — Uso de linguagem feminina no volume 1, capítulo 8	22
Figura 3 — Uso de linguagem feminina no volume 2, capítulo 15	23
Figura 4 — Uso de linguagem feminina no volume 2, capítulo 15	25
Figura 5 — Uso de linguagem feminina no volume 3, capítulo 24	26
Figura 6 — Uso de linguagem masculina no volume 1, capítulo 4	29
Figura 7 — Uso de linguagem masculina no volume 1, capítulo 8	31
Figura 8 — Uso de linguagem masculina no volume 2, capítulo 12	33
Figura 9 — Uso de linguagem masculina no volume 3, capítulo 24	35
Figura 10 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 11	37
Figura 11 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 4	39
Figura 12 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 4	40
Figura 13 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 6	41
Figura 14 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 4, capítulo 28	42
Figura 15 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 1, capítulo 7	44
Figura 16 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 1, capítulo 7	45
Figura 17 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 3, capítulo 20	46
Figura 18 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 3, capítulo 20	48
Figura 19 — Forma de tratamento no volume 1, capítulo 1	50
Figura 20 — Forma de tratamento no volume 2, capítulo 9	51
Figura 21 — Forma de tratamento no volume 3, capítulo 21	53
Figura 22 — Forma de tratamento no volume 7, capítulo 54	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LINGUAGEM E GÊNERO.....	11
2.1 Linguagem com marcação de gênero na língua japonesa	11
2.2 Identidade de gênero	14
2.3 Linguagem de gênero no mangá.....	16
3 ANÁLISE DA TRADUÇÃO	19
3.1 Linguagem feminina no mangá	21
3.2 Linguagem masculina no mangá.....	28
3.3 Linguagem da personagem Shûichi Nitori.....	36
3.4 Linguagem da personagem Yoshino Takatsuki.....	43
3.5 Formas de tratamento	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Hôro Musuko (2002-2013, “Filho Errante” ou “Menino Errante” em uma tradução literal) é um mangá escrito pela autora japonesa Takako Shimura (1973-), inicialmente publicado no Japão em uma antologia de mangás chamada *Comic Beam* e depois compilado em quinze volumes. O mangá narra a história de duas crianças, o protagonista Shûichi Nitôri, descrito na própria obra como “um menino que quer ser uma menina” e Yoshino Takatsuki, descrita como “uma menina que quer ser um menino”, nos mostrando a vida delas desde a metade do ensino fundamental até o final do ensino médio. Ao longo da história, nós acompanhamos as emoções e sofrimentos dos personagens, o preconceito que eventualmente sofrem de colegas ou familiares, assim como o apoio que recebem de amigos, as dúvidas e questionamentos sobre a própria identidade, além das complicações de passar pela puberdade, ainda mais em um corpo que não condiz com quem eles são por dentro.

A narrativa do mangá é bem subjetiva, se focando menos na sociedade e em como ela trata pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram designados no nascimento e mais nos sentimentos dos personagens. Isso se reflete no fato de que termos como “transgênero” ou “queer” não são usados em nenhum momento. Apenas as descrições de “um menino que quer ser menina” e “uma menina que quer ser menino” são usadas, pois não há necessidade de classificar os personagens, apenas de transmitir como eles se sentem.

Como no japonês as linguagens com demarcação de gênero são algo muito forte, é interessante observar como elas são usadas por personagens que não se encaixam em padrões de gênero — até porque, como mostrarei mais para frente, tanto identidades de gênero quanto linguagens de gênero não são coisas tão fixas e definidas quanto podem parecer.

Tendo isso em mente, o objetivo deste trabalho é analisar em que medida e de que maneira podemos traduzir essa linguagem de gênero no mangá para o português, já que, diferente do japonês, nossa língua não possui linguagens de gênero tão marcadas.

Primeiro apresento uma parte teórica em que falo sobre linguagem e identidade de gênero, e em seguida passo para a análise de tradução, que é subdividida em cinco seções. Dentro das seções, coloco trechos do mangá com a tradução e a análise logo abaixo.

Eu traduzi o mangá na disciplina de estágio de tradução no primeiro semestre de 2019. Dos quinze volumes totais, traduzi os quatro primeiros. Os trechos selecionados para comentário pertencem aos volumes 1 a 4, à exceção de um trecho do volume 7, que traduzi por ser bem relevante para a análise neste trabalho. Apesar de não abranger o mangá todo, acredito que os trechos que selecionei são suficientes para fazer a análise.

A autora do mangá, Takako Shimura, nasceu em 1973 e publica mangás desde 1997. Suas obras geralmente abordam temáticas LGBTQ+, em especial personagens lésbicas e transgêneros. Ela também costuma contar histórias sobre mulheres, focando sempre nelas e não dando tanta atenção para os personagens masculinos. Ela é bastante questionadora e frequentemente podemos observar em suas obras críticas à sociedade japonesa, mesmo que muitas vezes de maneira sutil.

Mais ao final da história de *Hôrô Musuko*, a personagem Yoshino percebe que se identifica como mulher mesmo, apesar dos questionamentos sobre sua identidade. Isso nos permite observar duas coisas. Primeiro que, mais uma vez, a autora está narrando uma história sobre mulheres, como é característico dela, ao invés de ser uma história sobre uma menina e um menino, como parecia inicialmente. Segundo, que as identidades de gênero não são algo tão fixo e definido, como eu disse anteriormente, pois é normal ter dúvidas e questionamentos. Assim, podemos entender o título do mangá, que significa “Filho Errante” ou “Menino Errante”, pois os personagens estão sempre em uma jornada, não tendo necessariamente um destino para chegar.

Apesar de a história ser sobre duas meninas, vou me ater à definição fornecida pela obra, de que o protagonista, Shûichi Nitori, é “um menino que quer ser menina”. Por isso, no geral, usarei linguagem masculina para me referir a ele e linguagem feminina para me referir a Yoshino Takatsuki.

Eu, como mulher trans, fiquei bastante impressionada quando descobri essa obra, pois ela aborda personagens trans de maneira bastante realista e identificável, diferente da maneira caricata ou fetichizada que é comum de observar na cultura pop japonesa. Acho importante trabalhar com ela, pois ajuda a dar visibilidade positiva para pessoas trans, além de mostrar que a linguagem de gênero que às vezes é tão incômoda para nós não é algo tão fixo e que é possível subvertê-la.

Além desses motivos pessoais, o fato de ser um mangá com temática LGBTQ+, de ser escrito por uma mulher que narra histórias sobre mulheres e de falar sobre linguagem de gênero — assunto importante na língua japonesa —, acredito que meu trabalho pode contribuir para que haja mais estudos sobre esses assuntos no meio acadêmico.

Eu espero, com este trabalho, poder ajudar pessoas trans, seja diretamente por mostrar a elas uma representação positiva, ou indiretamente por aumentar a visibilidade e entendimento para ajudar a diminuir o preconceito, além de poder ampliar os conhecimentos de língua japonesa e de tradução, tanto os meus quanto os dos leitores, assim como servir de ajuda para quem quiser trabalhar com temas semelhantes no futuro.

2 LINGUAGEM E GÊNERO

Além de ser uma parte importante da língua japonesa, a linguagem de gênero é especialmente importante em *Hôrô Musuko*. Por isso, é necessário dar bastante atenção a ela na hora de traduzir. Para explicar isso melhor, vou falar um pouco sobre como funciona essa linguagem de gênero, o que seria a identidade de gênero e como essas duas coisas se dão no mangá.

2.1 Linguagem com marcação de gênero na língua japonesa

A língua japonesa possui uma diferenciação de linguagem feminina e masculina muito forte. As características dessas linguagens se manifestam tanto nas escolhas lexicais e gramaticais quanto na “maneira de falar”: tem-se uma noção geral de que a linguagem feminina seria mais hesitante, sutil e emotiva, enquanto a masculina seria mais direta e impositiva. Entretanto, de onde surgiu essa diferenciação de linguagem?

Como mostra Nakamura Momoko (2014), muitas pessoas acreditam que a linguagem feminina é a maneira como mulheres falam — uma visão que é reforçada pelas gramáticas e dicionários. No entanto, muitas pessoas também reclamam quando veem mulheres não usando linguagem feminina: alguns até as acusam de estarem destruindo a língua japonesa. Nas palavras de Nakamura, “as pessoas escrevem incessantemente cartas para os jornais criticando e reclamando da linguagem rude das mulheres que eles viram no trem, na rua, ou em uma loja, afirmando que essas mulheres destroem a língua japonesa” (NAKAMURA, 2014, p. 1, tradução minha). Mas se a linguagem feminina é a “maneira como as mulheres falam”, por que muitas mulheres não a utilizam?

A verdade é que a linguagem feminina é uma coisa imposta e que foi ressignificada ao longo da história do Japão. Começou sendo a linguagem requintada das mulheres da corte imperial japonesa, passando por ser a linguagem fetichizada das primeiras mulheres a frequentarem as escolas, até ser a linguagem que transmitiria o espírito japonês para as colônias do Japão durante a segunda guerra. Independente do significado, algumas coisas estão presentes em todos os casos. Em primeiro lugar, a visão ideológica de que essa linguagem é natural e de que as mulheres deveriam ser boas esposas e mães sábias influencia os linguistas que desenvolvem manuais de língua e gramáticas. Em segundo lugar, esses mesmos manuais e gramáticas legitimam tais visões de linguagem. Mesmo que as mulheres

tentem subverter a linguagem, a visão geral não vai ser modificada, pois os discursos metalinguísticos (as gramáticas e manuais de língua) regem essa visão.

Apesar de ser imposta, há quem insista em afirmar que a linguagem feminina é natural, mas isso gera uma contradição, pois se ela fosse realmente natural, não seria necessário que gramáticas e manuais de língua ensinassem a usá-la (NAKAMURA, 2014, p. 13, tradução minha).

Além de impor a linguagem feminina e afirmar que ela é inata ao sexo feminino — apesar de sua artificialidade —, esses discursos metalinguísticos também criaram a visão de que ela é uma exceção à linguagem comum. Em todas as tentativas de estabelecer um japonês padrão, as gramáticas e manuais de língua levaram em conta como os homens de classe média de Tóquio falavam, excluindo dialetos que fossem de outras classes sociais e marginalizando a linguagem feminina. À medida que vão descrevendo a língua, o que seria referente à linguagem feminina é apresentado à parte, fazendo com que esta seja excluída da língua padrão. Devido a isso, não é de todo errado afirmar que no japonês não há uma linguagem masculina e uma linguagem feminina, mas um japonês padrão e uma linguagem feminina, pois o japonês padrão já é masculinizado (NAKAMURA, 2014, p. 84, tradução minha).

Essa diferenciação entre japonês padrão e linguagem feminina faz com que a “linguagem masculina” seja natural para os homens, mas que a linguagem feminina continue sendo imposta para as mulheres. Enquanto um discurso metalinguístico que mude essa visão de língua não ganhar força, a linguagem feminina vai continuar sendo imposta sob o pretexto de ser natural e inata ao sexo feminino e as mulheres vão continuar a ser criticadas por não utilizarem a linguagem feminina e acusadas de destruírem a língua japonesa.

Impor a linguagem de gênero não se trata apenas de impor a maneira de falar, mas o próprio gênero em si. A visão de como mulheres deveriam falar vem da visão de como as mulheres deveriam agir e se comportar, o que pode ser observado pelas várias ressignificações que a linguagem feminina no japonês sofreu. Querer exercer dominação sobre as mulheres e tentar determinar a maneira como elas deveriam agir não é algo exclusivo do Japão, ocorre no mundo todo, como podemos observar neste trecho do artigo de Rita Schmidt em que ela fala sobre a imposição dessas supostas feminilidades naturais:

o desenvolvimento da racionalidade científica com vistas ao conhecimento da natureza, a demanda por uma ética sexual pautada na necessidade de domesticar as mulheres e o processo capitalista na base da expansão europeia que levou à conquista de outras terras e gentes não são fenômenos excludentes e nem aleatórios, mas entrelaçados por uma mesma matriz moderna: o desejo de controlar o outro e de integrá-lo a um projeto de domínio. É nessa chave histórica que se processou um forte investimento ideológico no sistema sexo-gênero, fundamento

para a domesticação do feminino pela força do constructo da mulher feminina/corpo maternal, um modelo idealizado e consagrado por poderes seculares e religiosos e instrumental na codificação de práticas sociais. A lógica de um sistema que se pautou pela distinção radical entre reprodução e produção material de vida, pela separação das esferas do público e do privado, e pela divisão sexual do trabalho reconfigurou e estreitou a relação corpo feminino / natureza para delimitar os sentidos do signo mulher e fixá-lo no materno. Dessa forma, a figura de um corpo feminino dócil, disciplinado e reprodutivo, em outras palavras, útil para uma cultura burguesa emergente no contexto da nova ordenação do mundo, fez com que o modo de produção capitalista viesse reforçar a lei patriarcal, tornando-a redundante (SCHMIDT, 2012, p. 6).

Ocorreu no mundo inteiro uma construção de feminino e masculino com a intenção de colocar o homem no papel dominante e a mulher no papel dominado. No Japão, essa tentativa de controle do comportamento feminino se deu também com força através da linguagem. Assim, da mesma maneira que muitos comportamentos de gênero ainda estão muito presentes em nossa sociedade, ainda que problemáticos, a linguagem com demarcação de gênero ainda é bastante usada no Japão, apesar de se saber que ela foi construída. Entretanto, muitas das diferenciações entre as linguagens feminina e masculina que eram usadas antigamente não são mais usadas nos dias de hoje, mesmo que muitas gramáticas e manuais de língua ainda as indiquem. Isso resulta nas reclamações de que as mulheres não estão usando linguagem feminina e por isso estão destruindo a língua, quando muitas vezes elas estão usando uma linguagem feminina, só que não tão demarcada quanto as gramáticas dão a entender que deveria ser.

Como a visão de linguagem de gênero veio a partir da visão construída de gênero, em que se tem a mulher como dominada e o homem como dominante, isso acaba se refletindo na língua. Assim, a linguagem feminina acaba por ser mais sutil e hesitante, enquanto a masculina é mais direta e agressiva, o que mantém a relação construída de dominância. Além disso, a linguagem feminina também é mais emotiva, mantendo a ideia construída de que a mulher é mais sentimental e menos racional.

Além disso, a sociedade japonesa exige que as pessoas se encaixem no padrão estabelecido, que ninguém se destaque demais. Entretanto, a linguagem masculina é construída de maneira a permitir que um homem seja mais impositivo em determinados contextos, como ao conversar com amigos ou familiares. O uso de uma linguagem impositiva, ainda mais em uma sociedade que não gosta de pessoas que tentem se destacar, deixa bem clara a posição de dominância do falante. Essa impositividade pode ser feita ao utilizar o pronome *ore* para se referir a si mesmo, por exemplo. Enquanto *ore* é utilizado apenas por homens e traz em si uma carga impositiva, *boku* só é utilizado por homens e não possui a mesma carga e *watashi* pode ser usado tanto por mulheres quanto por homens.

A linguagem de gênero foi construída e imposta, mas nem por isso é possível ignorá-la e esquecê-la da noite para o dia, pois ela continua tendo uma forte presença na língua japonesa.

2.2 Identidade de gênero

Muitas pessoas não se sentem como o gênero ao qual foram designadas no nascimento. Essas pessoas podem se encaixar em várias categorias, como transgêneros, pessoas que se identificam com o gênero oposto ao que foram designadas, não binárias, pessoas que não se identificam nem como mulher nem como homem, queer, pessoas que não se encaixam em nenhuma definição, entre muitas outras categorias diferentes. Diferente do que muitos pensam, isso não é algo recente — apenas é mais comum ver pessoas assim hoje em dia, pois houve uma diminuição do preconceito e essas pessoas se sentem mais à vontade e seguras para serem quem realmente são. No entanto, ainda não se sabe exatamente o que define o gênero e por que as pessoas se identificam de uma maneira ou de outra.

O campo de estudos sobre gênero ainda é muito recente. Pode ser que ele tenha ganhado mais força devido à diminuição do preconceito nos últimos anos, mas esse mesmo preconceito ainda é muito presente nos dias de hoje, o que atrapalha o avanço e divulgação desses estudos. Um exemplo disso é quando Judith Butler, uma das mais importantes e famosas estudiosas do gênero, veio para o Brasil em 2017 e foi perseguida no aeroporto por pessoas conservadoras que a acusavam de defender uma suposta “ideologia de gênero”, que na realidade nada tem a ver com suas teorias e nem com os estudos de gênero no geral (PASSAGEM..., 2017).

Muitas teorias já foram desenvolvidas para tentar definir o gênero. Podemos resumir algumas dessas visões como a biológica e a social. Na visão biológica, as pessoas que não se identificam com o gênero designado no nascimento seriam explicadas pela existência de características do cérebro do sexo com o qual se identificam, mas foram feitos poucos experimentos e com poucas pessoas, então ainda não se pode confirmar¹. Já na visão social o gênero seria resultado de uma performatividade, que não se dá necessariamente de maneira consciente ou intencional, em que alguém, ao agir continuamente como mulher e se expressar como mulher, é definido como mulher. Essa visão social é a teoria desenvolvida por Judith Butler (2003), em que ela diz:

¹ Saraswat, Weinand e Safer (2015) fazem uma revisão bibliográfica de estudos que analisam essa visão biológica da identidade de gênero.

Nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *A genealogia da moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra — a obra é tudo”. Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmaríamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (BUTLER, 2003, p. 48).

O problema dessa visão social é que se ela afirma que a identidade é construída pelas expressões de gênero, ela exclui pessoas que, por medo de preconceito ou por falta de conhecimento, não conseguem ser quem são e passam a vida inteira se escondendo e guardando segredo.

Apesar de ainda não se saber exatamente o que leva uma pessoa a se identificar de determinada maneira, o fato é que essas pessoas existem, então não se deveria perder tanto tempo discutindo sobre a existência ou validade dessas pessoas e deveria se passar mais tempo desenvolvendo medidas que ajudem essas pessoas. Pessoas trans têm dificuldade de acesso à saúde, de conseguir emprego, além de muitas vezes serem expulsas de casa ou acusadas de serem pervertidas devido ao preconceito que ainda é muito presente. Discutir se essas pessoas são ou não válidas só reforça o preconceito e intensifica esses problemas, por isso é preciso se focar menos em tentar provar a existência e mais em tentar ajudar. É claro que ainda podemos discutir sobre o que define o gênero, mas devemos fazer isso de maneira honesta, querendo genuinamente aprender ou desenvolver conhecimento, não de maneira a provar para pessoas que se recusam a aceitar por não quererem abrir mão de preceitos em que acreditam.

A dificuldade de desenvolver uma definição e a grande quantidade de diferentes identidades demonstram o quanto o gênero é uma coisa complexa, diferente da visão tradicional de que o sexo biológico define o gênero e de que este só pode ser feminino ou masculino. É possível observar que, em diferentes culturas, os conceitos do que é masculino ou feminino é diferente, e que essas expressões de gênero não têm necessariamente relação com a identidade. Pode até não se saber exatamente o que o gênero é, mas ele não é simples e nem fixo.

2.3 Linguagem de gênero no mangá

A linguagem de gênero no japonês foi algo construído e muitas vezes não é utilizada, porém ela continua sendo parte da língua japonesa e portanto é muito comum vê-la bastante demarcada em obras literárias. Muitas vezes é possível saber se um personagem de um livro é uma mulher ou um homem apenas de ler suas falas. Em mangás, é comum as falas de personagens serem caricatas ou exageradas para caracterizar suas personalidades, tanto que existem frases e expressões que são específicos da linguagem de histórias em quadrinhos, não sendo usadas na vida real. Isso também é válido para a linguagem de gênero. Um exemplo disso é o uso excessivo da partícula de ênfase *wa*, característica da linguagem feminina, mas que na vida real não é muito usada.

Nakamura (2014) afirma que os falantes de japonês aprendem a linguagem feminina ao observá-la em uso em diferentes mídias:

Falantes de japonês adquirem conhecimento sobre linguagem feminina ao escutar personagens femininas falarem em filmes, programas de rádio e televisão, ou ao lerem quadrinhos e romances. Através desses diálogos, eles aprendem quais características linguísticas e estilísticas podem ser usadas para construir identidades femininas específicas. Linguagem feminina não é um estilo de fala realmente usado pelas mulheres como a visão essencialista-evolucionária afirma; na realidade é um conhecimento que os falantes adquirem ao escutar ou ler diálogos nas diferentes formas de mídia. A medida em que o uso de características de fala específicas por personagens femininas na mídia é repetidamente reproduzido e essa mídia é amplamente consumida por um grande público, essas características passam a ser associadas com identidades femininas específicas (NAKAMURA, 2014, p. 13, tradução minha).

Como disse antes, a linguagem de gênero em mangás é mais exagerada ou caricata do que na vida real para caracterizar a personalidade dos personagens. Porém, Nakamura vai um pouco além e afirma que o uso da linguagem na mídia também cria a visão do que seriam identidades femininas. Assim, pode-se dizer que o uso de linguagem de gênero em mangás ajuda a definir a ideia de como meninas e meninos deveriam ser.

No caso de *Hôrô Musuko*, esse aspecto é ainda mais interessante, pois como há personagens que não se identificam com o gênero que foram designados no nascimento, o uso da linguagem com a função de construir a identidade dos personagens é bastante forte. Já que o protagonista Shûichi Nitôri é “um menino que quer ser uma menina” e a personagem Yoshino Takatsuki é, inicialmente, “uma menina que quer ser um menino”, é imaginável que eles não atendam aos padrões esperados de uso de linguagem. Como eu explico com mais detalhes no próximo capítulo (análise), Shûichi utiliza uma linguagem mais hesitante e sutil, enquanto Yoshino utiliza uma linguagem mais direta e impositiva. Apesar disso, Shûichi

utiliza o pronome pessoal *boku*, normalmente utilizado por meninos, enquanto Yoshino utiliza o pronome pessoal *watashi*, usado tanto por meninos quanto por meninas, mas principalmente por meninas. Isso aproxima esse mangá da realidade, pois demonstra o quanto as categorias de gênero não são fixas, sendo possível misturar elementos de estilos diferentes de linguagem.

É comum que pessoas que não se identificam com o gênero designado no nascimento, mesmo que inconscientemente, gravem e reproduzam os comportamentos esperados do gênero com o qual se identificam, ao invés do esperado do seu sexo biológico. Por isso, pode-se imaginar que a imposição de linguagem de gênero faz com que Shûichi aprenda e passe a utilizar uma linguagem mais feminina, mesmo que tenha sido ensinado diretamente a utilizar linguagem masculina. A mesma coisa acontece com Yoshino. Como o gênero não é algo simples e os personagens estão se questionando, suas linguagens não serão algo fixo e terão papel importante na construção da identidade dos personagens. Pode-se relacionar essa visão de gênero, em que o indivíduo grava e reproduz o comportamento esperado do gênero com o qual se identifica, com a defendida por Butler (2003), em que o ato repetido performativamente de determinada expressão de gênero constrói a identidade. Nakamura (2014) faz essa mesma relação:

Esse desenvolvimento teórico reverteu radicalmente a relação entre gênero e prática linguística. Enquanto em modelos anteriores o gênero era a causa da prática de um indivíduo (uma mulher fala de maneira educada, porque é uma mulher), agora o gênero se tornou o efeito da prática (um indivíduo fala de maneira educada para construir uma identidade específica). O gênero mudou de algo que uma pessoa tem para algo que uma pessoa faz (NAKAMURA, 2014, p. 20, tradução minha).

Assim, a identidade de gênero pode ser construída a partir da linguagem; portanto, alguém que supostamente é um menino, mas que usa linguagem feminina ou uma mistura de linguagens, pode construir uma identidade de gênero através de sua fala. Borba (2014) também defende essa ideia de a linguagem construir a identidade:

Os diferentes caminhos percorridos pelos conceitos de performance e performatividade em suas peregrinações disciplinares sublinham o fato de que para analisarmos as construções de identidades (todas as identidades) não basta atentar somente às práticas corporais. Deve-se, isto sim, considerar que esse corpo só atinge significado cultural quando embrenhado em uma rede altamente complexa de regulações, vigilâncias, punições que paradoxalmente fornecem os recursos de sua própria contestação. Tal rede é constituída por sistemas de saber/poder e saber/discurso historicamente específicos que são, em grande parte, produzidos e sustentados por práticas linguísticas (BORBA, 2014, p. 467).

É exatamente isso que ocorre em *Hôrô Musuko*, em que o protagonista não se identifica com o gênero ao qual foi designado no nascimento e que usa uma linguagem mais feminina e isso ajuda na construção de sua identidade.

Os dois protagonistas não são os únicos personagens em que podemos observar particularidades no uso da linguagem de gênero — uma temática importante da obra. Sendo assim, é necessário tentar transmitir isso na tradução. O problema é que, no português, a linguagem de gênero não é tão marcada quanto no japonês, tornando necessárias diversas adaptações, compensações, notas de rodapé, entre outros recursos tradutórios. Tendo isso em mente, a seguir irei analisar alguns trechos da tradução do mangá que realizei na disciplina de estágio de tradução do japonês.

3 ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Assim como Butler (2003), Nakamura (2014) e Borba (2014) falam sobre como a linguagem constrói a identidade, Tawada (2019) também fala sobre esse assunto, mas sob uma perspectiva mais subjetiva e mais diretamente relacionada com o uso do japonês. Ela faz uma relação entre, por um lado, diferentes pronomes pessoais, que possuem restrições de uso quanto ao gênero e diferentes intensidades e, por outro, com identidade de gênero:

Nesse bairro havia muitas meninas da minha idade. Uma dessas meninas chamava especialmente minha atenção, pois quando ia falar de si mesma, utilizava a palavra “boku”, como um menino. Nós íamos juntas para a escola. A maioria das meninas dessa idade se designava como “atashi”, ou, algumas mais precoces, como “watashi”; uma menina de família mais distinta utilizava “atakushi”, e a palavra cheirava a madeira de cipreste. A maioria dos meninos usava “boku”, enquanto alguns, mais atrevidos ou orgulhosos, “ore”. Naturalmente, nessa idade nenhum garoto se chamava de “watashi” ou “watakushi”, para isso eles teriam de ser bem mais velhos, ou, então, soaria ridículo. Era difícil para mim lidar com todas essas palavras que significam “eu”. Eu não me sentia nem menino nem menina. Depois de adulta, uma pessoa pode se refugiar na palavra de gênero neutro “watashi”, mas até lá as pessoas são obrigadas a serem moças ou rapazes. Como teria sido simples a minha infância se eu falasse outra língua — alemão, por exemplo. Eu teria podido simplesmente falar sempre “eu”. Para usar a palavra “eu” não é necessário sentir-se homem ou mulher (TAWADA, 2019, p. 41).

Podemos observar dois pontos interessantes nesse trecho. O primeiro é a relação da maneira de falar com a identidade de gênero, que é reforçada em outros trechos do mesmo conto, como: “Porque na maioria das vezes eu me sinto como um boku. Na verdade, até existem momentos em que me sinto como uma menina, mas são raros” (TAWADA, 2019, p. 42) e “Disse-lhe, então, que haveria pelo menos quatro gêneros entre os adultos: ‘ore’, ‘boku’, ‘atashi’ e ‘watashi’” (TAWADA, 2019, p. 43). Em diversos trechos do mangá que mostrarei nas seções seguintes, os personagens utilizam a língua para construir uma identidade — às vezes, usando pronomes pessoais mesmo, e às vezes outros recursos, como diferentes escolhas lexicais ou estilos de fala. Isso nos leva ao segundo ponto interessante, que é quando Tawada fala que em outras línguas ela não teria o problema de ter que se encaixar em uma categoria de mulher ou homem, pois ela poderia falar apenas “eu”. Apesar de a linguagem poder construir uma identidade de gênero em qualquer idioma, cada idioma tem suas particularidades, o que cria dificuldades ao tentar traduzir a linguagem de gênero. No caso do japonês, existem muitas características que compõem a linguagem de gênero; uma delas são os pronomes pessoais mostrados no trecho, e é difícil transmiti-las para o português.

Para fazer a análise da tradução, eu coloco trechos do mangá em japonês e indicarei a transcrição e a tradução pelos balões. Assim, é preciso lembrar que a leitura de quadrinhos japoneses, como indica a Figura 1, é feita da direita para a esquerda, e não da esquerda pra direita como no Brasil.

Figura 1 — Orientação de leitura de mangás.



Fonte: Reprodução/Editora JBC (COMO..., [2019?]).

Irei dividir a análise da tradução em cinco seções: linguagem feminina no mangá, linguagem masculina no mangá, linguagem da personagem Shûichi Nitôri, linguagem da personagem Yoshino Takatsuki e formas de tratamento. Em cada seção, proponho de quatro a cinco exemplos.

3.1 Linguagem feminina no mangá

A seguir, vou apresentar exemplos de uso de linguagem feminina no mangá. Vale lembrar que estou falando de linguagem feminina, e não da maneira como as personagens femininas falam. Há muitas personagens mulheres no mangá que não apresentam essas mesmas marcas de fala que vou mostrar a seguir. Esses trechos foram selecionados, pois apresentam um uso de linguagem feminina mais aparente.

Como comentei no capítulo dois, a linguagem feminina é mais emotiva, hesitante e sutil, e apesar de esse estilo de linguagem ter sido imposto, ele foi legitimado pelo discurso metalinguístico. Portanto, a linguagem feminina é realmente usada, mesmo em um mangá que aborda diferentes identidades de gênero e apresenta subversões de linguagem. Apesar disso, a linguagem de gênero no mangá ajuda a construir a personalidade e a identidade dos personagens, e no caso da personagem Yuki, que comentarei mais à frente, isso tem um significado mais importante.

Figura 2 — Uso de linguagem feminina no volume 1, capítulo 8.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 173).

Notas:

BALÃO 1:

千葉さんすてき...

chibasan suteki...

Chiba-san tá maravilhosa

BALÃO 2:

マジ惚れる.....

maji horeru.....

Assim eu me apaixono

Na cena desse primeiro exemplo, a turma está ensaiando para uma peça escolar em que as meninas vão fazer os papéis masculinos e os meninos vão fazer os papéis femininos. A personagem Saori Chiba está ensaiando sua parte, então suas colegas ficam impressionadas e começam a elogiá-la (Figura 2). A primeira colega usa a palavra *suteki*, que normalmente é utilizada por e para meninas. Eu a traduzi, neste trecho, como “maravilhosa”, que não é uma palavra necessariamente feminina no português, mas que me pareceu adequada, pois é um pouco menos comum do que adjetivos como “linda” ou “incrível”. Além disso, muitas pessoas a consideram uma palavra de linguagem LGBTQ+. Assim, mesmo que não seja

linguagem feminina, ela tem uma carga de linguagem mais específica. Porém, uma pequena perda da linguagem feminina foi inevitável.

Figura 3 — Uso de linguagem feminina no volume 2, capítulo 15.



134

Fonte: Shimura (2004, v. 2, p. 134).

Notas:

BALÃO 1:

日光かあ〜いいわねえ

nikkôkaa~~ iiwanee

Ai, vocês vão pra Nikkô? Que ótimo

BALÃO 2:

おみやげ買ってきます

omiyage katte kimasu

A gente vai trazer lembrancinhas

BALÃO 3:

いやんうれしいー

iyaureshii-

Mesmo? Eba!

Nesse segundo exemplo, a personagem Yuki, que também é trans e serve como uma espécie de conselheira para as duas crianças, fica animada ao ficar sabendo que elas vão

viajar para Nikkô em uma excursão escolar (Figura 3). Logo no primeiro balão já podemos observar o uso da partícula de ênfase *wa*, que, como falei anteriormente, é descrita em gramáticas e manuais como linguagem feminina, mas na vida real não é tão usada. Há também um longo prolongamento, representado com uma linha comprida e com a vogal dobrada, que torna a fala mais emotiva e estereotipicamente feminina. Levando em consideração que é normal exagerar as falas em mangás para construir a personalidade dos personagens, pode-se imaginar que esses recursos tenham sido usados para tornar a fala de Yuki bastante feminina, o que pode ser interpretado como a personagem querendo deixar claro pras pessoas que ela também é uma mulher como qualquer outra. Na tradução fica difícil manter essas marcas de gênero, então optei por colocar um “ai” antes da frase e também por usar uma palavra menos comum, como “ótimo”, ao invés de “legal”, por exemplo, para deixar a fala mais emotiva.

No terceiro balão também temos recursos que tornam a frase mais emotiva e feminina. Primeiro temos a interjeição *iyan*, que é bastante feminina, mas também é um exagero de linguagem de mangá, não sendo muito usada na vida real. Além disso, após o adjetivo *ureshii*, que significa algo como feliz ou alegre, há um prolongamento que também torna a frase mais emotiva. Na tradução, optei por tentar deixar a frase mais emotiva novamente. Já que não existe uma interjeição como *iyan* em português, resolvi adaptar para a pergunta “mesmo?” e, na tradução de *ureshii*, resolvi colocar “eba!” ao invés de “feliz” ou “alegre”. Acredito que essas decisões tornam a frase mais natural no português do que algo mais literal como “ai, fico feliz”, além de manterem a frase bem emotiva, o que ajuda a cumprir a função de transmitir a linguagem de gênero.

Figura 4 — Uso de linguagem feminina no volume 2, capítulo 15.



Fonte: Shimura (2004, v. 2, p. 145).

Notas:

BALÃO 1:

すっ

sug

Que

BALÃO 2:

ごーい

gooi

Máximo!

Nesse exemplo, a personagem Kanako Sasa, amiga dos dois protagonistas, fala a palavra *sugoi*, que significa algo como “incrível” ou “legal” (Figura 4). Essa palavra é bastante comum, e seu uso não é exclusivo de linguagem feminina ou masculina. Entretanto, a maneira que a personagem fala é bastante emotiva e é um estilo de fala que pode ser visto com frequência em personagens femininas de mangás. A primeira coisa a observar é o uso de um *tsu* pequeno após o *su*, esse *tsu* pequeno representa uma duplicação da consoante seguinte, resultando em uma pausa na fala, a segunda coisa a observar é que há um prolongamento após o *go*. Para tentar transmitir essa emotividade comum na linguagem de personagens femininas de mangá, decidi colocar o pronome “que” no primeiro balão e o

adjetivo no segundo, para assim tentar manter a pausa na fala. Já a escolha da palavra “máximo” se deu porque, de novo, eu queria uma palavra menos comum que “legal” ou “incrível” para dar uma intensidade maior.

Figura 5 — Uso de linguagem feminina no volume 3, capítulo 24.



165

Fonte: Shimura (2004, v. 3, p. 165).

Notas:

BALÃO 1:

あたしたちケータイ持ってないよ
atashitachi keitai mottenai yo

A gente não tem celular

BALÃO 2:

えーマジで？

ee majide?

Ah, sério?

BALÃO 3:

持てばいいじゃん

moteba ii jan

Ai, deveriam ter

BALÃO 4:

あそぼーよ

asobô yo

A gente podia combinar de sair

BALÃO 5:

てゆーかさ麻衣子ちゃん見たくなかった？

teyûka sa maikochan mitakunakatta?

Ai, vocês não queriam ver a Maiko-chan?

BALÃO 6:

あー思った思った！

aa omotta omotta!

Ai, sim sim!

BALÃO 7:

でも今映画やってて無理なんじゃん？

demo ima eiga yattete muri nanjan?

Mas hoje ela tá fazendo uma gravação, então não vai vir, né?

BALÃO 8:

ねっスターだもん

ne sutaa damon

É, parece uma atriz!

BALÃO 9:

オ・マ・エ・ラ

o ma e ra

Ei, vocês!

BALÃO 10:

あんたらファンの集いで来てんの？

antara fan no tsudoï de kitenno?

Vocês vieram prum encontro de fãs?

A irmã mais velha de Shûichi, Maho, trouxe-o junto para entrarem numa agência de modelo como irmãs. Nesta cena, as outras meninas da agência de modelo estão conversando com eles (Figura 5). Nos balões 2, 3, 4 e 5, há a presença de prolongamentos que tornam a fala mais emotiva e estereotipicamente feminina, e no balão 6 há uma repetição que causa esse mesmo efeito. Boa parte desse efeito de linguagem feminina se perdeu na tradução, devido a ausência de marcadores de linguagem de gênero mais distintos no português, mas consegui compensar um pouco usando interjeições como “ah” ou “ai” para tentar manter a emotividade.

No balão 1, a personagem Maho Nitori usa a palavra *atashi*, essa palavra é uma maneira de se referir a si mesmo em japonês utilizada apenas por mulheres. Além dessa, existem várias maneiras diferentes de se referir a si mesmo em japonês, porém em português temos apenas “eu”, por isso torna-se muito difícil arranjar soluções para traduzir, tendo

sempre que adaptar ou colocar notas de rodapé. Na minha tradução eu optei por adaptar; no caso deste trecho, eu coloquei “a gente”, mas em casos em que esse pronome pessoal em japonês era essencial, como em um exemplo que vou mostrar na seção sobre formas de tratamento mais para frente, eu mantive em japonês e coloquei notas de rodapé. Nesse trecho (Figura 5), uma perda da marcação de linguagem de gênero foi inevitável.

Pelos exemplos acima, pode-se perceber que a linguagem feminina é usada no mangá de maneira a caracterizar os personagens, utilizando, em especial, recursos que tornam a linguagem bem emotiva. No geral, esse uso não é diferente do de outros mangás, porém há o caso da personagem Yuki, em que não se trata apenas de uma caracterização de personalidade, mas também de uma afirmação de identidade por parte da personagem.

3.2 Linguagem masculina no mangá

Agora vou mostrar exemplos de uso de linguagem masculina no mangá. Assim como no caso da linguagem feminina, não irei falar da maneira como os personagens masculinos falam, mas sim de quando há um uso mais aparente de linguagem masculina.

Como comentei anteriormente, as linguagens de gênero foram construídas a partir de uma visão de gênero que coloca o homem em uma posição de dominância. Assim, a linguagem masculina é caracterizada por ser bem mais direta e impositiva, pois isso coloca o falante em uma posição dominante. Podemos observar essa linguagem no mangá pelo uso do pronome pessoal *ore*, utilizado apenas por homens e com uma carga impositiva, e um uso maior da forma imperativa dos verbos, por exemplo.

Figura 6 — Uso de linguagem masculina no volume 1, capítulo 4.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 78).

Notas:

BALÃO 1:

おまえ俺の辞書

omae ore no jisho

Cê não viu meu dicion-...

BALÃO 2:

わあ

waa

Ué?!

BALÃO 3:

なにしておまえ

nani shitenno omae

O que que cê tá fazendo?

BALÃO 4:

お兄ちゃんこれちょうだい

oniichan kore choudai

Posso pegar esse uniforme?

BALÃO 5:

いやまあいいけど...

iya maa iikedo...

Acho que... sem problema...

BALÃO 6:

こんなんよく見つけたなあ

konnaan yoku mitsuketanaa

Nem sabia que isso ainda existia...

BALÃO 7:

納戸の中にあつたよ

nando no naka ni attayo
Tava no fundo do armário

Nessa cena, em que Yoshino está experimentando o uniforme masculino antigo do seu irmão mais velho, pode-se observar que este irmão fala de uma maneira bem direta (Figura 6). No primeiro balão, ele usa dois pronomes pessoais típicos de linguagem masculina impositiva, *omae*, para se referir à segunda pessoa, e *ore*, para se referir à primeira pessoa. Também no terceiro balão, além de usar *omae* novamente, ele conjuga o verbo como *shiten*, o que torna a linguagem ainda mais informal e direta. Para tentar transmitir a linguagem masculina nesse trecho, optei por colocar “cê”, pois queria deixar a linguagem mais informal e direta. O “cê” por si só não tem uma carga de ser direto ou masculino, mas aproveitei que em todo mangá eu utilizei “você”, o que tornou, por contraste, o uso de “cê” bem mais informal, causando um efeito parecido com o da linguagem masculina no japonês.

Há outras frases no japonês que tornam a linguagem mais direta, como no sexto balão, em que ele usa *konnan* para se referir ao uniforme, conjuga o verbo como *mitsuketa* e termina com um *naa* no final, todos marcadores de informalidade. Nessa frase, fica mais difícil transmitir a linguagem do que em outras em que posso usar um pronome como recurso, então decidi traduzir como “Nem sabia que isso ainda existia...”, pois me pareceu que, por ser uma frase com exagero, já que o objeto não teria deixado de existir, mesmo que tivesse sido perdido, e ser de uso bastante comum no português, ela manteria a informalidade da fala.

Figura 7 — Uso de linguagem masculina no volume 1, capítulo 8.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 165).

Notas:

BALÃO 1:

6年生に笑われた

rokunensei ni warawareta

As meninas do sexto ano riram da nossa cara

BALÃO 2:

つかおめーシャレになんねーよ

tsuka omee share ni nannee yo

Mas enfim, cê até que fica bem mesmo

BALÃO 3:

え

e

...É?

BALÃO 4:

かわいいなくそ

kawaii na kuso

Que droga, parece mesmo uma menina

BALÃO 5:

俺も美人になりてーよ

ore mo bijin ni narite yo

Também quero ficar gatona!

BALÃO 6:

あー男子帰ってきた

aa danshi kaettekita

Os meninos estão voltando

BALÃO 7:

先生ー戻ってきましたー

sensei- modotte kimashitaa
Professora, eles voltaram!

Nesse trecho, os meninos estão ensaiando no terraço para a peça em que eles terão que fazer os papéis femininos e as meninas, os masculinos. Durante o ensaio, uma professora chega com duas alunas do sexto ano dizendo que eles têm que sair, pois ela precisa fechar o terraço. Nisso, as meninas riem dos meninos e em seguida eles saem do terraço e conversam sobre o ocorrido (Figura 7). No segundo balão, quando o menino diz para Shûichi que ele ficou realmente bem vestido de menina, ele usa o pronome *omee*, que é uma maneira ainda mais direta e impositiva de dizer “*omae*”, que comentei no exemplo anterior. Assim, resolvi usar o mesmo recurso de antes e colocar “cê”, ao invés de “você”.

Já no quarto balão, ele usa o adjetivo *kawaii*, que significa algo como “fofinho” ou “bonitinho”, para descrever Shûichi. Esse adjetivo é comumente usado para descrever meninas, pois a imagem social fixa é de que as meninas são mais fofas e bonitinhas. Entretanto, no português os adjetivos flexionam em gênero, então para traduzir o adjetivo *kawaii* como outro adjetivo em português, eu precisaria usar uma palavra com gênero demarcado, “bonitinha” ou “bonitinho”, por exemplo. Eu queria evitar isso, pois ele está elogiando Shûichi como se fosse uma menina bonita, então “bonitinho” não ia funcionar bem e “bonitinha” poderia ser mal interpretado como uma provocação ou como um erro, pois ele não sabe que Shûichi é realmente uma menina e se soubesse, não respeitaria. Por isso, optei por colocar “parece mesmo uma menina”, pois resolve o problema de ter que demarcar o gênero e é mais próximo da intenção do falante no original.

No entanto, o que é interessante de observar nesse balão é que, após falar *kawaii*, ele fala *kuso*, uma palavra que significa “que merda” ou “que droga” típica da linguagem de mangás, bem menos usada na vida real. Essa palavra por configurar uma linguagem nada polida e bastante impositiva, é bem comum na linguagem masculina de mangás, fazendo com que esse personagem use a linguagem de maneira a mostrar uma imagem bem masculina de si. Mas é interessante notar que, ao usar a palavra *kawaii*, que representa coisas fofas, e *kuso*, que é uma palavra pejorativa, dá um contraste bem interessante na linguagem. Apesar do contraste, a linguagem continua sendo masculina, pois a frase *kawaii na kuso* é uma reclamação, e a carga de reclamação é dada pela palavra *kuso*, fazendo com que essa palavra seja mais importante na frase e determine o estilo de linguagem.

Esse mesmo contraste também pode ser observado no balão 5, em que ele usa o pronome *ore* para se referir a si mesmo, e conjuga o verbo como *naritee*, ambos marcadores de linguagem masculina impositiva, enquanto o que ele está dizendo na frase é que ele

também queria parecer uma mulher bonita. Resolvi traduzir como “Também quero ficar gatona!”, pois mantém a frase como impositiva, e o uso de “gatona”, ao invés de uma palavra mais comum como “bonita”, foi para tentar simular o contraste presente no original, pois causa um pouco de estranheza quanto à escolha de vocabulário.

Figura 8 — Uso de linguagem masculina no volume 2, capítulo 12.



084

Fonte: Shimura (2004, v. 2, p. 84).

Notas:

BALÃO 1:

てめ〜

temee

Maldita

BALÃO 2:

どう見たって子供じゃねえか

dô mitatte kodomo janeeka

Por que tu tá trazendo umas criança pra casa?

BALÃO 3:

ちがうのしーちゃんこれにはワケが

chigau no shiichan kore ni wa wake ga

Nada a ver, Shi-chan, é que...

BALÃO 4:

言い訳するのかわ

iiwake suru no ka

Inventa desculpa

BALÃO 5:

してみろ

shitemiro

Pra tu ver só

BALÃO 6:

言い訳なんてそんな

iiwake nante sonna

Não é desculpa.

BALÃO 7:

やましいことは全然

yamashii koto wa zenzen

A gente não fez nada errado.

BALÃO 8:

嘘をつけ

uso wo tsuke

Não mente!

BALÃO 9:

嘘ついてません

uso tsuitemasen

Não tô mentindo

Nesse trecho, o namorado da Yuki chega em casa e começa a xingá-la por ter trazido crianças para casa (Figura 8). No primeiro balão temos um caso semelhante ao de *kuso* no exemplo anterior, em que há o uso de uma palavra bastante comum em linguagem masculina e impositiva de mangás, mas que é muito pouco comum na vida real. O personagem usa a palavra *temee*, que é um jeito bem rude de se referir à segunda pessoa, por isso é mais adequado traduzir para algo como “maldita”, como eu optei por fazer, do que por “você”.

Também há outros marcadores de impositividade na linguagem usada pelo personagem, o final de frase *neeka*, no segundo balão, e *noka*, no quarto balão, são exemplos. Além disso, no quinto e oitavo balão, ele usa a forma imperativa dos verbos. No quinto, inclusive, a usa para fazer uma ameaça, que tentei manter ao usar a expressão “pra tu ver só”. Tanto essas escolhas lexicais quanto a atitude do personagem tornam sua linguagem ainda mais direta e impositiva do que nos exemplos anteriores, por isso optei por usar “tu”, ao invés de “cê” ou “você”, e também usar imperativos e erros de concordância para assim tentar transmitir essa agressividade e impositividade.

Figura 9 — Uso de linguagem masculina no volume 3, capítulo 24.



150

Fonte: Shimura (2004, v. 3, p. 150).

Notas:

BALÃO 1:

お兄ちゃん起きろ!

oniichan okiro!

Acorda Riku!!

BALÃO 2:

朝だぞ起きろー

asadazo okiro-

Já é de manhã! Acorda aí!

BALÃO 3:

……カンベンしろよも……

……*kanben shiro yo mo~……*

Ai, me deixa em paz...

BALÃO 4:

諒! ドア けらない!

ryô! doa keranai!

Ryo! Não chuta a porta!

BALÃO 5:

理久も早く起きちやいな!

riku mo hayaku okichaina!

E você, Riku, acorda de uma vez!

Nesse exemplo, o personagem está tentando acordar seu irmão mais velho. Para isso, ele usa os verbos nas formas imperativas (Figura 9). Nos balões 1 e 2, que são falas do irmão

mais novo, aparece duas vezes a palavra *okiro* — o verbo para “acordar” na forma imperativa. O irmão mais novo também fala *da zo*, que é uma maneira bem impositiva de fazer uma afirmação, bastante comum na linguagem masculina de mangás, mas assim como em exemplos anteriores, não é muito comum na vida real. Na ausência de termos específicos como esses em português, para tentar causar o mesmo efeito impositivo, resolvi usar pontos de exclamação. Dois no primeiro balão, pois já tem um no original, e um em cada frase do segundo balão, que não tem nenhum no original.

O irmão mais velho também usa imperativo, mas como ele está na cama dormindo e não quer levantar, o uso de ponto de exclamação não iria funcionar, pois não se encaixa com a situação e a entonação da fala. Outra coisa interessante de observar é que a mãe também grita ordens para os dois filhos, mas não utiliza a forma imperativa. Infelizmente, essa diferenciação não se manteve bem na tradução. Eu poderia tirar os pontos de exclamação da fala da mãe, mas se eu os tirasse a fala poderia perder o impacto e pareceria que a mãe não está tão braba e dando ordens como no original.

Com os exemplos acima, pode-se perceber que a linguagem masculina é usada para ser direta e dar uma impositividade, ou às vezes até agressividade. Assim como a linguagem feminina, ela ajuda a caracterizar os personagens. É interessante observar que, colocando em contraste, a linguagem desses personagens masculinos é bem diferente da linguagem de Shûichi, que, por mais que na realidade seja uma menina, é visto por outros personagens como um menino e, como comentei anteriormente, é descrito como “um menino que quer ser uma menina”, ao invés de mais diretamente como uma menina trans. Vou falar sobre a linguagem de Shûichi na próxima seção.

3.3 Linguagem da personagem Shûichi Nitori

Agora vou falar sobre a linguagem do protagonista Shûichi Nitori. Resolvi selecionar exemplos que fossem interessantes no que diz respeito à tradução de linguagem de gênero.

Apesar de Shûichi na realidade ser uma menina, ele foi criado como menino, é descrito como menino e é visto pelos outros personagens como menino. Mesmo assim, sua linguagem apresenta mais proximidade com a linguagem feminina, pois é hesitante, sutil e nada impositiva. Como comentei no capítulo dois, é normal que pessoas trans gravem e aprendam melhor o comportamento que é esperado do gênero com o qual se identificam. Devido a isso, a linguagem de Shûichi é bem feminina e cria um contraste interessante quando comparada com a dos colegas meninos que mostrei na seção anterior.

Figura 10 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 11.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 10).

Notas:

BALÃO 1:

えーと

e-to

Deixa eu ver...

BALÃO 2:

二鳥真穂さん

nitori maho san

Maho Nitori-san

BALÃO 3:

……二鳥修一です

……nitori shûichi desu

Meu nome é Shuichi Nitori...

BALÃO 4:

ああら

a ara

Nossa

BALÃO 5:

やだっ

yada

Desculpa

BALÃO 6:

女の子かと……やだ

onna no ko ka to.....yada

Pensei que fosse uma menina

BALÃO 7:

ごめんなさい

gomennasai

Desculpa mesmo

BALÃO 8:

ニ鳥修一くん!

nitori shûichi kun!

Shuichi Nitori-kun!

BALÃO 9:

はい

hai

Isso

A professora, ao ver Shûichi no primeiro dia de aula, pensa que ele é a irmã, Maho, pois ele parecia uma menina (Figura 10). Quando ela pergunta se Shûichi é Maho, ela fala “Nitori Maho-san”, mas depois quando ela descobre que é Shûichi, ela fala “Nitori Shûichi-kun”. O honorífico *san* é uma forma de tratamento que é usada tanto para meninas quanto para meninos; já *kun* é usada apenas para meninos. Como isso é um elemento importante no original e não possui algo equivalente em português, resolvi manter em japonês e colocar notas de rodapé. Também resolvi colocar os nomes na ordem brasileira, com o nome antes, ao invés de deixar como no japonês, com o sobrenome antes. Além disso, resolvi tirar os prolongamentos dos nomes para facilitar para leitores brasileiros. Por exemplo, coloquei “Shuichi” na tradução, ao invés de “Shûichi”. O acento circunflexo cumpre a função de representar os prolongamentos do japonês na hora de transcrever, então escrever “shû” representa “shuu”. Apesar de tirar esse prolongamento fazer bastante diferença no japonês, achei que não haveria problema fazer na tradução dos nomes, pois a presença do circunflexo ou da vogal dobrada poderia causar confusão e pronúncias erradas.

Agora passando para a linguagem de Shûichi em si, no terceiro balão ele tem uma fala curta, mas que permite observar bem como se dá sua linguagem. A fala é apenas ele dizendo qual é seu nome, mas as várias reticências mostram o quanto a sua linguagem é sutil e hesitante, características típicas de linguagem feminina. Para manter isso na tradução, resolvi manter as reticências, mas passei-as para o final da frase e coloquei apenas três pontos para ficar mais adequado no português. Também utilizei as reticências em outros momentos do mangá, às vezes até quando não tinha no original, como compensação pelas situações em que linguagem feminina se perdeu na tradução.

Figura 11 — Linguagem de Shûichi Nitôri no volume 1, capítulo 4.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 84).

Notas:

BALÃO 1:

思いつきショートにしようと思って
omoikkiri sho-to ni shiyô to omotte

Tava a fim de deixar bem curto

BALÃO 2:

毛先をそろえるだけっていいか……
kesaki wo soroeru daketteiuka……

Acho que só emparelhar as pontas...

BALÃO 3:

前髪をちよとっていいか……
maegami wo chottotteiuka……

E talvez diminuir um pouco a franja...

Nessa cena, Yoshino e Shûichi vão ao cabeleireiro, Yoshino porque realmente quer cortar o cabelo, já Shûichi só porque seu pai estava indo cortar e sua mãe pediu para ele ir junto (Figura 11). É interessante observar o contraste entre as linguagens das duas personagens. Yoshino é bastante assertiva e deixa claro o que ela quer fazer, já Shûichi é bastante hesitante, pois ele não quer realmente cortar o cabelo. No japonês, o final de frase utilizado por Shûichi, *teiuka*, dá uma ideia de que não é a vontade dele, de que é algo que lhe foi pedido. Para tentar manter essa ideia, resolvi usar palavras de dúvida, que deixassem a fala menos assertiva, no caso usei “acho que” e “talvez”. Além disso, usei novamente as reticências, que estão presentes no original, e que também mostram hesitação na linguagem.

Figura 12 — Linguagem de Shûichi Nitôri no volume 1, capítulo 4.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 90).

Notas:

BALÃO 1:

怒られるほど長くない……

okorareru hodo nagakunai……

Nem fiquei tanto tempo assim

Nessa cena, Shûichi está no banheiro experimentando uma tiara que havia comprado, ao que Maho começa a bater na porta para o apressar para sair, dizendo que ele já está lá dentro há muito tempo, mas ele discorda e reclama mentalmente que não ficou tanto tempo lá dentro (Figura 12). O que é interessante de observar nessa cena, é que a maneira como Shûichi reclama não é nem um pouco agressiva, o que ele está falando no original, literalmente seria algo como “não é tanto tempo a ponto de você ficar braba”. Ele está visivelmente incomodado com a situação, mas sua linguagem, mesmo não falando em voz alta, se mantém hesitante e sutil. Para tentar manter isso na tradução, resolvi colocar a frase “nem fiquei tanto tempo assim”, que soa mais natural que a tradução literal, e, apesar de a frase por si só ser bem neutra e pouco agressiva, o contexto e a imagem cumprem a função de dar a carga de irritação e reclamação. Optei por não colocar as reticências que estão presentes no original, pois acredito que no português elas tornariam a frase hesitante demais, tirando a carga de irritação presente no original.

Figura 13 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 1, capítulo 6.



127

Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 127).

Notas:

BALÃO 1:

シューーちゃん

shu-u- chan

Shu-chan?...

BALÃO 2:

いらぬならぼくにちょうだい

iranai nara boku ni chōdai.

Se você não quer, então me devolve!

Nessa cena, Shûichi havia ganhado um vestido de presente de sua amiga Saori Chiba, mas ele se sentia inseguro de ter aquela peça de roupa, como se estivesse fazendo algo de errado, então resolveu devolver. Chiba ficou bastante incomodada com a devolução do presente, então, enquanto Shûichi e Yoshino estavam levando lixo para o incinerador na escola, Chiba apareceu e jogou o vestido no incinerador. Mais tarde, à noite, Shûichi ainda estava triste e arrependido e diz que se ela não ia guardar, que desse para ele de volta (Figura

13). Na frase original, Shûichi usa a palavra *chôdai*, que é uma palavra de linguagem feminina para pedir algo. Entretanto, não há uma palavra em português que seja uma maneira feminina de fazer um pedido e que se encaixe no contexto. Assim, acabei apenas traduzindo o significado da frase, havendo uma perda da linguagem feminina. Esse é um dos casos em que a linguagem de gênero se perdeu na tradução e eu tentei compensar em outros momentos, como no uso de reticências e no próximo exemplo.

Além de *san* e *kun*, que comentei antes, há vários outros honoríficos no japonês. Um deles é o *chan*, que aparece nessa cena. O honorífico *chan* é uma forma de tratamento usada para meninas e crianças. Shûichi já não é uma criança tão pequena para ser referida com *chan*, mas o fato da família se dirigir a ele assim não é por ele ser uma menina, mas sim por ele ainda ser uma criança pequena na visão dos pais e de sua irmã mais velha.

Figura 14 — Linguagem de Shûichi Nitori no volume 4, capítulo 28.



Fonte: Shimura (2005, v. 4, p. 58).

Notas:

BALÃO 1:

このようにぼくはいまはりのむしろです

kono yôni boku wa ima hari no mushiro desu

Parece que estou deitada em uma cama de pregos

Em dado momento, Shûichi e Yoshino começam a escrever um diário juntos, para partilhar suas experiências. Nessa cena, Shûichi resolveu escrever uma narrativa inspirada nas suas experiências atuais (Figura 14). Para compensar casos como o anterior em que a linguagem de gênero se perdeu na tradução, resolvi colocar essas falas do diário de acordo com o gênero correto, pois no japonês os adjetivos não possuem gênero. Assim, coloquei as frases no feminino quando Shûichi escreve e no masculino quando Yoshino escreve, pois na época do diário, ela ainda achava que poderia ser um menino trans. Eu fiz isso em todos os

momentos em que aparece as escritas do diário, não apenas nessa em que ele está escrevendo uma narrativa.

Com os exemplos acima, pode-se notar que a linguagem que Shûichi usa é sempre bem sutil e hesitante, características típicas da linguagem feminina. É interessante comparar a linguagem dele com a linguagem dos personagens masculinos, pois mesmo que seus professores e colegas de escola o vejam como um menino, a diferença entre a linguagem de Shûichi e a dos meninos de sua turma é enorme. Acredito que causar esse contraste na linguagem tenha sido uma das intenções da autora.

3.4 Linguagem da personagem Yoshino Takatsuki

Vou falar agora sobre a linguagem da personagem Yoshino Takatsuki. Assim como na seção anterior, me foquei em selecionar exemplos em que fosse interessante comentar sobre a tradução da linguagem de gênero.

Mesmo que no final Yoshino realmente seja uma mulher, o fato de ela achar que era um menino trans por não gostar de ser menina fez com que ela tivesse uma linguagem que se aproxima mais da masculina do que da feminina, pois ela é bastante direta e assertiva. Apesar de ela provavelmente ter sido ensinada a usar a linguagem feminina imposta, ela gravou e aprendeu melhor a linguagem masculina, analogamente ao que ocorreu com Shûichi.

Figura 15 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 1, capítulo 7.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 153).

Notas:

BALÃO 1:

ショーツ

sho-tsu

Uma calcinha

BALÃO 2:

あーあ

a-a

Aaaah

BALÃO 3:

ふざけんなくそ

fuzakenna kuso

Que merda

Nessa cena, Yoshino menstruou pela primeira vez, então pediu ajuda para sua mãe, que lhe deu produtos para menstruação. Ao ver os produtos, Yoshino fica bastante frustrada, pois não gosta de ser uma menina e não queria ter que lidar com isso (Figura 15). O que pode ser observado em relação a linguagem é a maneira como ela reclama no terceiro balão. Ela fala *kuso*, palavra que já comentei anteriormente, e também *fuzakenna*, que quer dizer algo como “não brinca comigo” ou “não vem com essa”. Assim como *kuso*, *fuzakenna* é uma expressão bastante direta e agressiva, muito comum na linguagem masculina de mangás. Optei por traduzir como “que merda”, pois é uma maneira agressiva e bastante comum de reclamar em português. Achei que traduzir mais literal não soaria natural em português. Outra coisa interessante nessa cena é comparar como Yoshino reclamou mentalmente com como Shûichi reclamou mentalmente no terceiro exemplo da seção anterior.

Figura 16 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 1, capítulo 7.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 160).

Notas:

BALÃO 1:

お前マジで生理?

omae majide seiri?

Você menstruou mesmo?

BALÃO 2:

だとしたらなんだっつーの

datoshitara nandattsu-no

E o que cê tem a ver com isso?

BALÃO 3:

べーつにイ

be-tsunii

Tanto faz

Nesse trecho, os colegas de Yoshino começam a provocá-la por ter menstruado (Figura 16). Ao ser perguntada se ela menstruou, Yoshino responde, no segundo balão, de maneira bastante impositiva com outra pergunta, que pode ser traduzida mais literalmente como “Se eu tiver, o que que tem?”. Para manter esse efeito, optei por tirar o condicional “se eu tiver” e manter só a pergunta, mas com o pronome “você” para tornar a frase mais direta. Também resolvi repetir o recurso de colocar “cê” ao invés de “você” que comentei na seção de linguagem masculina.

Figura 17 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 3, capítulo 20.



064

Fonte: Shimura (2004, v. 3, p. 64).

Notas:

BALÃO 1:

……なに?

……nani?

...Quê?

BALÃO 2:

なんで

nande

Eu disse

BALÃO 3:

女に

onna ni

Por quê

BALÃO 4:

産んだと言いました

unda to iimashita

Eu nasci mulher?

BALÃO 5:

いいじゃないの
ii janai no

Qual o problema?

BALÃO 6:

女の子かわいいじゃない
onna no ko kawaii janai

Meninas são fofas

BALÃO 7:

いやだ
iyada

Foda-se!

BALÃO 8:

いやだってあんた
iyadatte anta

Não diz isso...

BALÃO 9:

産んじゃったものを今更……
unjatta mono wo imasara……

Por quê você veio com essa agora?

BALÃO 10:

お母さんのせいだ
okaasan no sei da

É culpa sua

BALÃO 11:

お父さんのせいかも
otôsan no sei kamo

Culpa do pai, talvez

BALÃO 12:

ちょっとあんた
chotto anta

Ei!

BALÃO 13:

元気なら学校行きなさいよ
genki nara gakkô ikinasaiyo

Se você tá bem, vai pra escola!

BALÃO 14:

いや!
iya!

Não!

BALÃO 15:

いやって
iyatte

“Não”?

BALÃO 16:

やだ
yada

Não!

BALÃO 17:

やだやだやだ
yada yada yada

Não! Não! Não!

Nessa cena, Yoshino está reclamando para sua mãe por ter nascido mulher (Figura 17). Ela fala diversas vezes *iya* ou *iyada* ou *yada*, que são maneiras diferentes de usar a palavra *ya*, que traz uma carga negativa, pode significar que algo é desagradável, ou que você

discorda de algo, ou simplesmente uma negação. Muitas vezes essa palavra pode ser traduzida como “não”, mas às vezes isso é inviável, pois não são equivalentes. Nos balões 14 a 17, foi possível traduzir como “não” sem problemas, mas no balão 7 o sentido ia acabar mudando. Se o balão 7 fosse traduzido como “não”, ia ficar parecendo que ela está apenas discordando da afirmação da mãe, quando na verdade o que ela quer dizer é que ela não se importa. Como na cena Yoshino está sendo agressiva com sua mãe de uma maneira que não tinha sido em nenhum momento, a cena é bem impactante, então optei por traduzir como “foda-se!” para manter a agressividade e o impacto do original. Uma coisa interessante de se observar é que a agressividade das falas se dá apenas pelo tom e postura da personagem, pois as variações de “ya” que Yoshino fala em si não configuram uma linguagem masculina.

Figura 18 — Linguagem de Yoshino Takatsuki no volume 3, capítulo 20.



075

Fonte: Shimura (2004, v. 3, p. 75).

Notas:

BALÃO 1:

高槻が

takatsuki ga

A Takatsuki

BALÃO 2:

女装…してきた！
josô... shitekita
 Veio vestida de mulher!
BALÃO 3:
 バカじゃないの
baka janai no
 Você é idiota?
BALÃO 4:
 私女だよ
watashi onna dayo
 Eu sou uma mulher
BALÃO 5:
 パンツ脱いで見せようか
pantsu nuidemiseyôka
 Quer que eu tire a roupa e te mostre?

Nessa cena, Yoshino foi à escola vestindo uma saia, e isso chama a atenção de seus colegas, pois ela costuma usar calça sempre. Nisso, um menino de sua turma a provoca, dizendo que ela veio vestida de mulher, ao que ela responde que isso é óbvio, pois ela é uma mulher (Figura 18). O interessante de observar nessa cena é o contraste, semelhante ao do segundo exemplo da seção de linguagem masculina, em que o personagem usou uma linguagem bem masculina para dizer que queria ser uma mulher bonita. No caso, Yoshino responde a afirmação do colega dizendo que ela é uma mulher e perguntando de maneira bastante direta e impositiva se ele quer que ela tire a roupa para mostrar. Eu traduzi a frase de maneira literal, pois a situação e a postura da personagem, representados na arte, cumprem a função de dar a impositividade na fala, então não precisei usar nenhum recurso diferente para tentar manter esse efeito.

O que se pode observar sobre a linguagem de Yoshino através dos exemplos acima é que ela não se importa com a maneira de agir e falar que esperam dela. Como comentei no capítulo 2, a linguagem feminina é uma coisa imposta, em que se espera que as mulheres ajam e falem de uma maneira sutil, hesitante e emotiva, mas Yoshino não quer saber disso, e age com naturalidade da maneira que ela quer agir, construindo assim uma identidade através da linguagem.

3.5 Formas de tratamento

Além do uso da maneira de falar em si, há outros elementos que compõem a linguagem de gênero. Um deles seria a maneira de se portar e agir, que pôde ser observado nas seções anteriores, e outro seria as formas de tratamento. No japonês, existem formas de tratamento específicas. Alguns exemplos seriam os honoríficos, que apareceram antes, ou as

maneiras de se referir a si e a outras pessoas, ou até os usos de alguns adjetivos, que são mais adequados em alguns contextos do que outros. Vou mostrar agora alguns exemplos em que as formas de tratamento foram interessantes para a tradução da linguagem de gênero.

Figura 19 — Forma de tratamento no volume 1, capítulo 1.



Fonte: Shimura (2003, v. 1, p. 20).

Notas:

BALÃO 1:

なんかかっこいいね

nanka kakkoi ne

Que foda

BALÃO 2:

か

ka

Mesmo?

BALÃO 3:

かっこいいな

kakkoi na

Eu acho

BALÃO 4:

あ

a

Ah

Nessa cena, Shûichi está indo à casa de Yoshino para estudar, então resolve levar doces que ele mesmo fez para eles comerem. Nesse momento da história, eles ainda não sabem os segredos um do outro sobre serem trans, então Yoshino usa um adjetivo normalmente usado para meninos para elogiar Shûichi (Figura 19). O adjetivo *kakkoi* que Yoshino usa significa algo como “maneiro” ou “legal”, e é estereotipicamente associado à masculinidade; porém, o que Shûichi fez para ser elogiado foi fazer doces, que é algo estereotipicamente fofo e feminino e, portanto, é mais comum de ser elogiado com *kawaii*. Entretanto, como Yoshino não sabe que Shûichi é uma menina trans, ela resolveu não elogiar com *kawaii*, pois um menino poderia se incomodar com isso, então escolheu um adjetivo

mais masculino, *kakkoi*, causando um contraste. Para tentar manter esse contraste, resolvi utilizar “que foda”, pois é bastante forte e não seria normalmente usado para descrever algo fofo.

Figura 20 — Forma de tratamento no volume 2, capítulo 9.



Fonte: Shimura (2004, v. 2, p. 16).

Notas:

BALÃO 1:

こうしてると恋人同士みたい

kôshiteruto koibitodôshi mitai

Assim vocês parecem um casal

BALÃO 2:

これからデートですかーみたいな

korekara deeto desuka- mitai na

Parece que estão pra sair num encontro

BALÃO 3:

はい撮りまーす

hai torima-su

Digam xis!

BALÃO 4:

ニ鳥くんも高槻さんも

nitori kun mo takatsuki san mo

Nitori-kun e Takatsuki-san

BALÃO 5:

すてきよ

suteki yo

Vocês estão lindas

BALÃO 6:

すてき

suteki

“Linda”?

BALÃO 7:

かー

ka-

Por quê?

Nessa cena, Shûichi e Yoshino foram à casa de Saori para poder experimentar os uniformes escolares que queriam usar — Shûichi, o feminino e Yoshino, o masculino. Quando Saori foi tirar foto dos dois, ela usou, no quinto balão, a palavra *suteki* para descrevê-los (Figura 20). O adjetivo *suteki* significa “bonito” ou “lindo”, mas é normalmente usado por e para mulheres. Por isso, Yoshino fica incomodada, pois não queria ser elogiada como mulher. Resolvi traduzir como “lindas” para dar essa ideia de que foi um adjetivo feminino e por isso Yoshino se incomodou, mas isso acaba gerando um problema. Mesmo que *suteki* seja normalmente utilizado para mulheres, não quer dizer que seja equivalente a colocar um adjetivo no feminino no português, pois no japonês não existe essa noção de adjetivos com gênero. Assim, ao usar *suteki* não quer dizer que Saori tenha se dirigido aos dois como mulheres, ela apenas deu uma carga mais feminina para o adjetivo. Dessa maneira, acredito que minha decisão de tradução não tenha sido a ideal, mas foi a melhor que pude fazer.

Figura 21 — Forma de tratamento no volume 3, capítulo 21.



Fonte: Shimura (2004, v. 3, p. 92).

Notas:

BALÃO 1:

ぼくのことは……

boku no koto wa.....

Você...

BALÃO 2:

マコって呼んでくれないかな……

makotte yonde kurenai kana.....

...poderia me chamar de Mako?

BALÃO 3:

マコちゃん…

mako chan...

Mako-chan

Nessa cena, Shûichi acaba de fazer um novo amigo chamado Makoto Ariga, que também é uma menina trans. Ao se despedirem, Makoto pede para ser chamado de “Mako”, e Shûichi acata o pedido e o chama de “Mako-chan” (Figura 21). Já comentei anteriormente sobre o honorífico *chan*, que é usado para se referir a meninas e crianças, mas, somado a isso, a terminação de nome *ko* é uma terminação comum para nomes femininos, semelhante a “a” em português. Assim, “Mako-chan” é uma maneira bastante feminina de chamar, e é por que isso Makoto fica tão feliz no quarto quadro. Na tradução, optei por manter como no original e explicar o honorífico “chan” e a terminação “ko” em notas de rodapé. Mesmo que fosse possível adaptar a parte da terminação, colocando “Makota”, por exemplo, achei melhor manter como no original, pois chamar de “Mako-chan” pode também ser visto apenas como um apelido fofo, e não necessariamente como um nome feminino. Assim, como os

personagens guardam segredo dos colegas sobre serem meninas, “Mako-chan” funciona como uma maneira discreta de tratar no feminino, enquanto algo como “Makota-chan” seria muito explícito.

Figura 22 — Forma de tratamento no volume 7, capítulo 54.



Fonte: Shimura (2007, v. 7, p. 96).

Notas:

BALÃO 1:

へへへ

hehehe

Hahaha

BALÃO 2:

二鳥くんてさそんなかわいいかっこなのに

nitori kun te sa sonna kawaii kakko nanoni

Mesmo vestida desse jeito fofo

BALÃO 3:

“ぼく” って言っちゃうのがなんかいいなーって
“boku”tte icchaunoga nanka iina-tte
 Você usa “boku” quando está falando

BALÃO 4:

私もさ
watashi mo sa
 Eu também, sabe

BALÃO 5:

“私” って気に入ってるんだよね
“watashi”tte ki ni itterundayone
 Meio que peguei gosto por “watashi”

BALÃO 6:

だからずっと “私” って使い続けるつもり
dakara zutto “watashi”tte tsukaitsuzukeru tsumori
 E pretendo continuar usando “watashi” daqui pra frente também

BALÃO 7:

かっこいいでしょなんか
kakkoi desho nanka
 Tipo, acho isso bem legal

BALÃO 8:

うん
un

É mesmo

BALÃO 9:

あーっ
a-

Ah!

BALÃO 10:

にやろう……
nyarô……

Maldito…

BALÃO 11:

またコート勝手に着ていきやがった
mata ko-to katteni kitekiyagatta
 Pegou meu casaco de novo

Nessa cena, Shûichi e Yoshino estão passeando longe de onde moram, usando as roupas que gostam de usar, como costumam fazer com frequência. Nesse passeio, Yoshino começa a falar sobre a linguagem dos dois. Ela comenta que mesmo usando roupas femininas, Shûichi fala *boku* para se referir a si mesmo, e *boku* é um pronome pessoal mais masculino; já Yoshino diz que, mesmo usando roupas masculinas, ela gosta de usar e pretende continuar usando *watashi*, um pronome que é usado tanto por meninas quanto por meninos, mas principalmente por meninas. Essa cena é muito interessante por dois motivos. Em primeiro lugar, temos os próprios personagens do mangá falando sobre a linguagem, que é um elemento muito importante para a obra. Em segundo lugar, a cena mostra o quanto a linguagem e o gênero não são coisas tão fixas, sendo possível misturar elementos masculinos e femininos na linguagem. Quanto à tradução, optei por manter como *boku* e *watashi* mesmo e explicar em notas de rodapé, colocando “Maneira de se referir a si mesmo no japonês normalmente usada por meninos” e “Maneira de se referir a si mesmo no japonês usada tanto

por meninas quanto por meninos, mas principalmente por meninas” respectivamente, pois não havia uma maneira boa em português de manter essa mesma carga de significado do original.

Observando os exemplos acima, fica claro que, além da linguagem usada pelos personagens, as formas de tratamento que eles usam para se referir aos outros e a si mesmos também contribuem para a construção da identidade dos personagens. Também dá para perceber que o uso da linguagem não é totalmente inconsciente, com os personagens tendo ciência da maneira como usam a linguagem e podendo tomar decisões de como usá-la. Desde pedir para ser chamado de tal maneira até escolher que pronome usar para se referir a si, os personagens estão sempre moldando sua linguagem para deixá-la o mais adequada para si, e isso não quer dizer uma linguagem exclusivamente feminina ou masculina, mas sim uma mistura dos elementos que o falante escolher.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter sido imposta, a linguagem de gênero ainda é parte importante da língua japonesa e possui uma presença muito forte na mídia; ela muitas vezes tem a função de caracterizar a personalidade dos personagens e de construir a identidade de gênero deles. Os falantes de japonês, ao observarem o uso de linguagem feminina e masculina nas mídias, acabam associando que estilos de fala constituem uma identidade feminina ou masculina. Mesmo que isso acabe refletindo estereótipos de gênero, acaba também criando a possibilidade de subversão. Uma personagem feminina pode usar linguagem masculina ou uma mistura de linguagens para subverter a visão de que mulheres deveriam falar de uma maneira específica.

Esse tipo de subversão ocorre em *Hôrô Musuko*. O protagonista, Shûichi, apesar de ser realmente uma menina, é descrito e visto pelos outros como um menino, então seu uso de uma linguagem mais feminina cria um contraste em comparação com os personagens masculinos, além de ajudar na construção de sua identidade como mulher trans. A personagem Yoshino, apesar de também ser uma menina, pensava ser um menino trans, pois não gostava de ser mulher. Dessa maneira, faz uso de uma linguagem mais masculina, construindo assim uma identidade mais masculina. Somado a isso, os dois personagens realizam misturas no estilo de linguagem, com Shûichi falando *boku*, que é mais masculino, e Yoshino falando *watashi*, que é mais feminino — isso sem falar nos outros exemplos de subversão através da linguagem de gênero no mangá, como o uso de linguagem bastante feminina pela Yuki, ou a escolha de formas de tratamento, como no caso de Mako-chan.

Devido a isso, o uso de linguagem de gênero é um elemento muito importante no mangá, sendo necessário tentar transmiti-lo na tradução. Porém, como a linguagem de gênero é muito específica no japonês, acaba sendo muito difícil mantê-la no português. Ao longo da minha tradução, tentei fazer uso de diversos recursos para transmiti-la da melhor maneira possível — às vezes usando interjeições ou pontuações para tentar manter a emotividade ou impositividade, ou encurtando palavras para mudar a intensidade da fala, ou colocando notas de rodapé quando não havia alternativa em português. Por vezes, a linguagem de gênero realmente acabou se perdendo, mas tentei compensar isso na medida do possível acrescentando elementos com marcação de gênero onde não tinha no original.

No geral, fiquei satisfeita com as soluções encontradas e acredito que este trabalho pode servir de ajuda na realização de traduções futuras. Além disso, acredito que as discussões propostas sobre linguagem de gênero podem não só contribuir para a difusão de

conhecimentos sobre estudos de gênero e sobre a língua e cultura japonesas, como também ajudar pessoas que não se identificam com o gênero que foram designadas no nascimento a se sentirem mais à vontade em relação ao uso da língua. Sabendo que se pode fazer usos criativos e subversivos da língua como misturar linguagens ou utilizar uma linguagem diferente do gênero com o qual se identifica, como no caso de Yoshino, essas pessoas podem ficar mais confortáveis para falar, sem se sentirem presas no binarismo feminino e masculino que é imposto na sociedade.

REFERÊNCIAS

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 441-474, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200441&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2019.

BORBA, R. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os Estudos da Linguagem. **Entrelinhas**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COMO ler um mangá. São Paulo: Mangás JBC, [2019?]. Disponível em: <https://mangasjbc.com.br/como-ler/>. Acesso em: 23 out. 2019.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

LUBBERS, E. **Transgender representation and Japan: manga's potential for disrupting gender**. 2015. 24 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Leste Asiático) – Faculdade de Humanidades, Universidade de Leida, Leida, 2015. Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/35648>. Acesso em: 7 nov. 2018.

NAKAMURA, M. **Gender, language and ideology: a genealogy of Japanese women's language**. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 2014.

PASSAGEM da filósofa Judith Butler por Congonhas termina na delegacia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1934406-passagem-da-filosofa-judith-butler-br-por-congonhas-termina-na-delegacia.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SARASWAT, A.; WEINAND, J.; SAFER, J. Evidence supporting the biologic nature of gender identity. **Endocrine Practice**, v. 21, n. 2, p. 199-204, 2015. Disponível em: <https://journals.aace.com/doi/abs/10.4158/EP14351.RA>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SCHMIDT, R. T. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, p. 233-261, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/173981>. Acesso em: 13 nov. 2019

SHIMURA, T. **Hôrô Musuko**. Tóquio: Enterbrain, 2003-2013. 15 v.

SHIMURA, T. **Wandering Son**. Tradução para o inglês de Rachel Matt Thorn. Seattle: Fantagraphics, 2011-2015. 8 v.

TAWADA, Y. **Überseetzungen**: retrato de uma língua e outras criações. Tradução de Marianna Ilgenfritz Daudt e Gerson Roberto Neumann. Porto Alegre: Class, 2019.

ZANINI, C.; SOLANO, M. (Trans)gender and identity in Shimura Takako's *Wandering Son*. **Cenários**, Porto Alegre, n. 12, p. 16-32, 2. sem. 2015. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=cenarios&page=article&op=view&path%5B%5D=1296&path%5B%5D=830>. Acesso em: 7 nov. 2018.